

## **Crentes em movimento: da periferia ao centro, entre a religião e o lazer**

Believers in movement: from the outskirts to downtown, between  
religion and leisure

*Waldney de Souza Rodrigues Costa\**

### Resumo

Este artigo apresenta alguns dados coletados em uma pesquisa sobre religião e lazer entre evangélicos em que, optando pelo método etnográfico, tomei uma igreja como referência inicial e, a partir dela, segui a sociabilidade dos jovens pelos mais variados espaços. São apresentados dois fenômenos sobre a mobilidade dos evangélicos na urbe em suas relações entre a periferia e o centro de uma cidade de médio porte localizada na Zona da Mata mineira (Brasil). Tratam-se das alternativas de vivência da fé que jovens de origem pentecostal encontraram ao migrarem para a região central da cidade por questões de trabalho ou estudo e da breve passagem que, em certas circunstâncias, jovens filiados a igrejas pentecostais das periferias fazem por igrejas evangélicas do centro. O objetivo é apresentar como crentes utilizam o espaço da cidade em meio às suas práticas religiosas e de lazer com o enfoque em como tais esferas se influenciam.

Palavras-chave: Religiões no Brasil. Lazer. Cidade. Juventude. Trânsito religioso.

### Abstract

This paper presents some data collected in a research on religion and leisure among evangelicals, in which, opting for ethnographic method, I have chosen a church as an initial reference, and from it, I have followed the sociability of young people through many and various spheres. Two phenomena are presented concerning the evangelical mobility in the city in its relations between the outskirts and the downtown of a medium-sized city located in Zona da Mata, state of Minas Gerais (Brazil). It is about alternative ways of living the faith that teenagers of Pentecostal origins have come across in migrating to downtown for work or study issues, and the brief change that, in certain circumstances, teenagers linked to Pentecostal churches in the outskirts make towards downtown Evangelical churches. The aim is present how believers use the city space among their religious and leisure practices with a focus on how these spheres influence one another.

Key-words: Religions in Brazil. Leisure. City. Youth. Religious transit.

---

\* Mestre e Doutorando em Ciência da Religião pela UFJF. Tesoureiro da ABHR entre 2015 e 2016. Pesquisa atualmente a relação entre religião, lazer e consumo entre evangélicos com bolsa financiada pela CAPES. Endereço: Rua João Lourenço, 225, Bairro Centenário, Juiz de Fora (MG) - CEP 36045-230. E-mail: [dnney@ibest.com.br](mailto:dnney@ibest.com.br).

## **Introdução**

Este artigo é escrito com o intuito de contribuir com a discussão sobre religião nas periferias urbanas destacando a relação que tais regiões podem estabelecer com o centro das cidades. Os dados apresentados no texto foram gerados em uma pesquisa sobre religião e lazer entre evangélicos, em que, optando pelo método etnográfico, tomei uma igreja como referência inicial, e, a partir dela, segui a sociabilidade dos jovens por diferentes espaços, tais como lanchonetes, restaurantes, atividades da igreja, shows gospel e eventos evangélicos em geral.

Tal empreendimento possibilitou o acesso a dois fenômenos que tornam visível a relação a ser destacada. O primeiro diz respeito a jovens que tiveram contato com o protestantismo em sua expressão pentecostal através de seus pais, mas que, ao precisarem mudar para a região central da cidade por questões de trabalho ou estudo, foram desafiados a encontrar uma alternativa de vivência da fé. Já o segundo refere-se a jovens que são filiados a igrejas pentecostais das periferias, mas que, em determinadas circunstâncias, realizam uma espécie de movimento pendular, no qual fazem uma breve passagem por igrejas evangélicas do centro.

Esses fatos serão apresentados nas duas principais seções do texto; porém, para melhor entendimento da descrição, tornou-se necessário inserir um tópico introdutório com apontamentos sobre o contexto em que a pesquisa foi realizada. Assim, será possível destacar a mobilidade de crentes na cidade em meio às suas práticas religiosas e de lazer com o enfoque em como tais esferas se influenciam. A expectativa é que tal apresentação ilumine possíveis fluxos religiosos entre a periferia e o centro.

### **1. Um contexto para pensar religião e lazer entre jovens evangélicos na cidade**

Campeonatos de futsal entre igrejas, shows com temáticas religiosas, festas promovidas nos espaços de culto, exibição de filmes em igrejas... Ao olhar para esse tipo de prática alguém pode perguntar: é lazer ou é religião? Através de uma pesquisa com jovens evangélicos procurei iluminar esse problema, o que

exigiu uma reflexão na interseção entre os estudos da religião, do lazer e da maneira tipicamente antropológica de se construir conhecimento, a etnografia.

Toda a pesquisa se deu em Juiz de Fora (JF), cidade mineira considerada de porte mediano. Segundo os dados do último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, é o quarto município de Minas Gerais em termos populacionais, com 516.247 habitantes<sup>1</sup>, sendo superado apenas por Contagem, Uberaba e Belo Horizonte, a capital do Estado. Juiz de Fora possui uma extensão territorial de 1.429,875 km<sup>2</sup>, em que 317,74 km<sup>2</sup> são considerados perímetro urbano, onde se encontram 217.411 habitantes (mais de 42% do total). Sua densidade é de 383,28 hab./km<sup>2</sup>. É tida como referência de uma microrregião de Minas, composta por ela e outras 32 cidades, mas não seria demais considerá-la a capital da Zona da Mata mineira, região com cerca de 2 milhões de habitantes.

Com um Produto Interno Bruto de mais de 8 bilhões de reais, a economia da cidade que já foi conhecida como a “Manchester mineira” hoje gira em torno da indústria, do setor de serviços e da Universidade Federal de Juiz de Fora. A forte presença de instituições de ensino superior confere ao município ares de cidade universitária, imprimindo uma dinâmica à sua rotina, pois, de segunda a sexta, muitos moradores de cidades vizinhas fazem um movimento pendular, vindo para JF e retornando às suas cidades. Não só moradores de cidades do interior de Minas, como também do interior do Estado do Rio de Janeiro, passam boa parte da semana em Juiz de Fora. E esse movimento não acontece apenas com estudantes, mas abrange pessoas oriundas dessas regiões que aqui mantêm seus empregos. Isso faz com que um grande contingente de jovens esteja circulando pela cidade durante a semana.

Esse município é um lugar especial para pesquisar religião. Como é pontuado por especialistas, Juiz de Fora

Possui, respeitando suas dimensões, um *campo religioso* bastante representativo da diversidade religiosa brasileira. Pode-se dizer que na cidade se encontra condensado um *microcosmo*, um “laboratório” do panorama religioso brasileiro. (Tavares; Camurça, 2003, p. 7, grifo original).

A obra citada é um compêndio de resultados de diversas pesquisas realizadas no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF que

dão testemunho deste *laboratório*. Na cidade é possível encontrar diferentes faces do catolicismo, protestantismos e pentecostalismos variados, religiões de matriz afro-brasileira, espiritismo, além de muitos novos movimentos religiosos, como Nova Era e tradições orientais, islâmicas, ou outras. Tal diversidade pode ser visualizada na tabela abaixo:

**Tabela 1** – Religião em Juiz de Fora, MG – 2010

<b>Religião</b>	<b>População</b>	<b>Porcentagem</b>
Católica Apostólica Romana	333.116	64,38
Católica Apostólica Brasileira	352	0,07
Católica Ortodoxa	410	0,08
Evangélicas	112.107	21,72
Evangélicas de Missão	19.079	3,70
Evangélicas pentecostais	61.311	11,88
Evangélico não determinado	31.717	6,14
Outras religiosidades cristãs	2.161	0,42
Mórmons	975	0,19
Testemunhas de Jeová	4.190	0,81
Espiritualista	546	0,11
Espíritas	27.370	5,30
Umbanda	1.727	0,33
Candomblé	86	0,02
Judaísmo	86	0,02
Hinduísmo	40	0,01
Budismo	227	0,04
Igreja Messiânica Mundial	136	0,03
Outras religiões orientais	289	0,06
Islamismo	62	0,01
Tradições esotéricas	100	0,02
Tradições indígenas	162	0,03
Sem religião	27.053	5,24
Ateu	2.656	0,51
Agnóstico	694	0,13

<b>Religião</b>	<b>População</b>	<b>Porcentagem</b>
Religiosidade não determinada	1.986	0,38
Múltipla religiosidade	72	0,01
Não soube responder	394	0,07
<b>Total</b>	516.247	100

Fonte: Produzida pelo autor a partir de dados do Censo Demográfico 2010, fornecidos pelo IBGE, 2015.

Como se pode observar, a diversidade religiosa juizforana reflete grandes questões emergentes no campo religioso brasileiro. Primeiramente constata-se uma “diversidade acanhada” (Teixeira, 2012). Apesar das múltiplas religiosidades que aqui são encontradas, a grande maioria está ligada à tradição cristã, sendo que o catolicismo ainda responde pela maior parcela da população. Mas é importante perceber que a proporção de católicos juizforanos (pouco mais de 64%) é menor que a de Minas Gerais, Estado mais católico do sudeste, com mais de 70% de sua população declarando-se como tal. Um fato que possivelmente advém da influência fluminense.

Também se constata uma forte presença de evangélicos em Juiz de Fora, sobretudo de origem pentecostal. Fato que igualmente pode ser atribuído à proximidade com o Rio, Estado que possui uma proporção evangélica consideravelmente maior que a de Minas, sendo 24,84% contra 18,4% (Neri, 2011, p. 35). Mas há dois aspectos dos evangélicos juizforanos que refletem proporções nacionais. Há uma forte presença batista em Juiz de Fora, grupo que lidera os evangélicos de missão, constituindo a segunda maior denominação evangélica no Brasil, ficando atrás apenas das Assembleias de Deus, que, não por acaso, são advindas de uma dissidência batista. E também se manifesta em Juiz de Fora a “perplexidade” da emergência do “evangélico genérico” brasileiro (Camurça, 2013, p. 75). Mais de 30 mil evangélicos juizforanos não se identificaram com igreja alguma na ocasião do Censo 2010, quase 30% do total de evangélicos do município.

Não cabe aqui aprofundar cada uma dessas questões. Cito as informações apenas para apresentar a potencialidade de um estudo de caso realizado a partir desta cidade. Juiz de Fora possui suas especificidades religiosas, mas que são informadas por dinâmicas mais amplas que podem exceder até mesmo o

contexto brasileiro. “Na verdade, nem sendo mero reflexo de processos exteriores, nem criação genuína, mas uma interpretação construída na intercessão destas duas esferas.” (Tavares; Camurça, 2003, p. 12).

Assim como no Brasil, em Juiz de Fora a maior quantidade de evangélicos se declara pertencente a alguma igreja pentecostal. Os estudos do pentecostalismo majoritariamente separam sua história em três momentos<sup>2</sup>, mas Nascimento (2003) sugere que se fale apenas em dois para tratar a realidade juizforana, pois há igrejas que, embora tenham aparecido no cenário nacional há mais tempo, demoraram a chegar à cidade. Então, sobre o pentecostalismo juizforano, haveria um momento de chegada e diversificação e outro de expansão e consolidação.

Até a segunda metade da década de 1950 o crescimento pentecostal em Juiz de Fora foi lento, pois encontrava uma série de obstáculos; mas desde a década de 1930 já havia grupos das Assembleias de Deus e da Congregação Cristã do Brasil na cidade. A Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) chegou através do movimento das tendas<sup>3</sup>. A *Cruzada Nacional de Evangelização*, nome pelo qual a igreja ficou conhecida, levantava sua tenda no espaço que hoje é conhecido como *Terreirão do Samba*. A IEQ colocou no ar o primeiro programa evangélico de rádio nesta região, chamado *Maravilhas da Fé* (Nascimento, 2003, p. 101). Apesar do esforço, seu crescimento só viria na década de 1970, com o trabalho de Mário de Oliveira, atual presidente nacional da denominação, que atuou mais fortemente no rádio. É neste período que surgem diferentes pentecostais na cidade, tais como a Casa da Benção, Casa de Oração Vida Nova, Igreja Cristã Maranata e Igreja Missionária Filadélfia. E também acontece uma diversificação das Assembleias de Deus, surgindo a que está localizada na Avenida dos Andradas (Nascimento, 2003, p. 102).

O outro momento do pentecostalismo em Juiz de Fora apontado por Nascimento (2003) ocorre a partir da década de 1980, quando o número de igrejas pentecostais se multiplica. Neste segundo período aparecem vários templos com o título de Comunidades Evangélicas, como a Igreja de Nova Vida, a Igreja Sara Nossa Terra e um número enorme de igrejas independentes. Além disso, alguns cismas de igrejas da região dão origem a outras, como são os casos: da Igreja Evangélica Preparatória (destacada na região por sua rigidez quanto aos *usos e costumes*), oriunda de uma Assembleia de Deus; das Igrejas Missão do

Divino Espírito Santo e Missão Reencontro com Jesus, oriundas da Casa da Bênção; das Igrejas Cristã Boas Novas e Morada de Deus, oriundas da Quadrangular; e da Igreja Vida Nova, oriunda da Universal (Nascimento, 2003).

Das igrejas que surgiram, as que mais se destacaram, por conta da incursão na mídia de rádio, são a Deus é Amor e a Universal do Reino de Deus. Esta última inaugurou em 1999 um grande templo na Avenida Francisco Bernardino, conhecido como a *Catedral da Fé*, e a partir daí espalhou vários templos pela cidade nos bairros Cerâmica, Jôquei Clube, Mariano Procópio, Milho Branco, São Matheus, Santa Luzia, entre outros (Serdeiro, 2003, p. 112).

Mas o movimento de diversificação de pentecostais não parou por aí. Ainda hoje surgem novas igrejas e comunidades evangélicas. O pentecostalismo cresceu e grandes templos situados nas principais avenidas da região central testemunham isso. Na Avenida Getúlio Vargas, situada no coração do centro, é possível encontrar o templo da Igreja Internacional da Graça de Deus. Se alguém entrar em um veículo e percorrer toda a Avenida Barão do Rio Branco (que corta o centro da cidade) irá encontrar logo no início do morro conhecido como *Garganta do Dilermando* uma tenda (que pertencia a uma Comunidade Evangélica) onde atualmente funciona a Igreja do Nazareno. Pouco após a descida, em um grande galpão que já foi palco de muitos shows (inclusive gospel), funciona hoje a Igreja Mundial do Poder de Deus. E mais adiante, quase em frente à Santa Casa de Misericórdia, há um galpão da Igreja Assembleia de Deus 24 horas. São três grandes templos situados em uma avenida por onde passam quase todas as linhas de ônibus da cidade. Eles testemunham a significativa presença pentecostal no município.

Algumas igrejas batistas ajudam a compor o rol de grandes templos evangélicos em Juiz de Fora. Uma é a Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, que atualmente funciona em uma enorme tenda localizada na Avenida Brasil, próximo à Rodoviária. Outra é a Igreja Batista Projeto Nova Esperança (IBPNE) localizada na mesma avenida, mas em um galpão onde já funcionou uma casa de shows sertanejos (Patrulha), próximo ao bairro Santa Terezinha. E há também a Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora (PIB), a partir de onde realizei a etnografia.

As igrejas *evangélicas de missão* tendem a decrescer, principalmente com o avanço do pentecostalismo no Brasil. O Censo 2010 retratou essa realidade

(Campos, 2013, p. 138). Todavia, embora sejam contados com esse grupo, os batistas brasileiros estão em uma direção oposta, crescendo. Em números absolutos, segundo o IBGE, os batistas saltaram de 3.162.691 em 2000 para 3.723.853 em 2010, apresentando um crescimento de 8,81% em dez anos. É o único grupo que cresceu em números absolutos entre o chamado *protestantismo de missão*<sup>4</sup>. É também o terceiro maior contingente de evangélicos, ficando atrás apenas dos assembleianos e dos *evangélicos não determinados*. Os grandes templos em Juiz de Fora são materializações dessa realidade.

Santana e Barros (2003), trabalhando com dados produzidos até 2002, apontam pouca influência batista na Zona da Mata mineira. Por conta da inexistência de um grande projeto, os batistas tiveram um início vacilante na região, o que terminaria por minguar o trabalho. Para os autores, os “batistas em Juiz de Fora têm pouca representatividade, se comparados às outras denominações” (Santana; Barros, 2003, p. 94). Eles argumentam que, em 2000, o sudeste mineiro tinha pouco mais de quatro mil batistas, sendo que Juiz de Fora abrigava pouco mais de dois mil. Todavia, dados mais recentes apresentam uma nova realidade. Após dez anos, o número de batistas em Juiz de Fora quase quadruplicou (8.517). Na impossibilidade de discutir o grande movimento de avanço dos batistas na região, enfocarei apenas o crescimento da PIB, uma vez que ela tornou-se a referência inicial da minha pesquisa com os jovens.

Segundo o site oficial da igreja, recentemente ocorreu uma grande mudança no perfil da instituição, já que o número de membros saltou de trezentos para dois mil (PIBJF, s.d.). O templo se tornou pequeno e a quadra do Sport Club, localizada na Avenida Barão do Rio Branco, no centro da cidade, passou a ser alugada para melhor acomodar os frequentadores dos cultos realizados nas noites de sábado e domingo. Como a quadra não tinha a infraestrutura mais adequada, a solução encontrada foi alugar as instalações da antiga malharia Master, também localizada na Avenida Barão do Rio Branco. Hoje esse espaço de culto da igreja é conhecido como *Espaço Master*.

Tamanho crescimento tornou-se possível a partir de julho de 2002, quando a igreja foi assumida pelo pastor Aloizio Penido Bertho, um especialista em crescimento de igrejas que tem publicado livros sobre o assunto (Bertho, 2005; s.d.). Ele está inserido em um movimento transdenominacional que tem emergido em solo brasileiro chamado *Igrejas com propósitos* (ICP). Essas

estruturas que atravessam várias denominações evangélicas são pouco estudadas no Brasil. Conheço apenas uma tese que discutiu o movimento *Igreja em Células*, também conhecido como G12 (Frossard, 2013). Semelhante ao G12, o movimento “propósitos” é uma forma de administração eclesiástica que perpassa várias denominações no Brasil, não pertencendo exclusivamente a nenhuma. Ele deu origem aos “batistas com propósito” (Rodrigues, 2013, p. 162-165). Vários pastores batistas, sobretudo os pertencentes à Convenção Batista Brasileira<sup>5</sup>, após terem contato com o livro *Uma Igreja com Propósitos* de Rick Warren (2008), começaram a adotar na administração eclesiástica procedimentos muito semelhantes às técnicas de administração empresarial típicas do toyotismo (Rodrigues, 2013, p. 163).

Nessa obra que dá origem ao movimento, Warren defende que existem “cinco propósitos” que são essenciais para as igrejas evangélicas independente da denominação (Warren, 2008). São eles: “adoração”, que é o amor a Deus pensado não como uma obrigação, mas como uma alegria; “ministério” (ou “serviço”), que é o serviço das pessoas umas às outras em todas as suas necessidades; “evangelismo” (ou “missões”), que é a função de levar aos “sem-igreja” (expressão de Warren) o conhecimento de Cristo, entendendo que o crescimento da igreja “não é opcional, é uma ordem de Jesus”; “comunhão”, que é o propósito de fazer os cristãos entenderem que precisam pertencer e não apenas crer; e, por último, o “discipulado”, que é o ensino sobre como deve ser a vida cristã (Warren, 2008, p. 92-95).

Parte do saldo da implementação dos princípios da ICP pode ser apreendida na própria obra de Warren. Aqui ele utiliza um esquema, reproduzido na imagem abaixo, para apresentar estratégias para não perder os propósitos em meio ao crescimento. Nota-se que é feita uma diferenciação interna entre as pessoas que compõem a igreja, variando em um gradiente que vai dos mais aos menos comprometidos. O pastor Aloizio trabalha com uma visão semelhante em seu livro (Bertho, 2005). Há uma diversificação das pessoas que estão presentes nos cultos, prevista no próprio projeto de crescimento. O objetivo é aumentar o número de pessoas que frequentam a igreja para que, após relativa frequência, elas sejam chamadas a se tornarem membros e, depois, para *trabalharem na obra*<sup>6</sup>, tornando-se líderes empenhados em aumentar o número de frequentadores, e assim sucessivamente. Durante a pesquisa, as pessoas que

entrevistei sempre insistiam que eu *assumisse uma posição com Deus*, decidindo me tornar membro da igreja e *colaborar com a obra do Senhor*.

Nesse processo ocorre também uma diferenciação entre as reuniões. Se alguns cultos são totalmente voltados para os não evangélicos (ou “sem-igreja”, como prefere Warren), outros são realizados com o objetivo da maturidade cristã. Assim, conteúdos típicos de igrejas pentecostais mais recentes, como as “correntes” e a teologia da prosperidade aparecem nas reuniões voltadas para os frequentadores e visitantes. Por outro lado, nas reuniões voltadas para os membros e líderes, assuntos sobre um ideal de conduta cristã ganham espaço e a tradição batista do apego à leitura bíblica emerge com toda força.

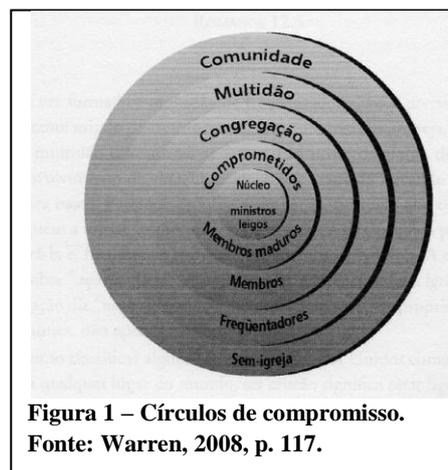


Figura 1 – Círculos de compromisso.  
Fonte: Warren, 2008, p. 117.

Na adesão aos princípios propostos por Warren (2008), a instituição eclesiástica passa a ser pensada como uma prestadora de serviços. Um dos maiores representantes da implementação da ICP entre os batistas brasileiros afirma: “Não prestamos culto às pessoas, sejam elas membros ou sem-igreja. Precisamos entender, contudo, que a adoração é para Deus, todavia *o serviço do culto é para as pessoas*” (Paes, 2012, p. 165, grifo meu). Em meio a essa especialização do serviço do culto, algumas práticas típicas de lazer passam a ser suscitadas nas reuniões. Foram elas que inicialmente me chamaram a atenção, dando origem à pesquisa. Mas em meio à minha busca por entender o lazer dos jovens, tive a oportunidade de acessar dois fenômenos relacionados a fluxos religiosos entre a periferia e o centro da cidade. São eles que eu gostaria de destacar neste texto.

## 2. Da periferia ao centro em busca de alternativas de exercício da fé

Há um aspecto no movimento “propósitos” que não é trabalhado pelos pastores. Quando cultos mais atrativos são promovidos, não seduzem apenas os *não crentes*, mas também evangélicos de outras igrejas, que estão insatisfeitos ou apenas curiosos a respeito de uma reunião diferenciada. Os líderes não tratam desse ponto porque a visita a outras igrejas é um tabu entre evangélicos, especialmente entre batistas, caracterizados por certo exclusivismo. Os jovens

com quem convivi falavam das visitas a cultos de outras igrejas como quem estava violando uma regra de conduta, assim como escutar música secular, por exemplo. Enquanto um jovem me disse “Em casa eu escuto Charlie Brown mesmo”, outro falou “Quando o pastor Fulano de Tal foi lá na outra igreja, tô nem aí, eu fui mesmo” (sic). Nota-se que, para os jovens, há a aventura de contestar uma norma.

A tentativa de *converter* pessoas que já se converteram em outras igrejas não é bem vista no meio evangélico. Entre os jovens que convivi, quem o faz ganha a pecha de *pescador de aquário*. Ao invés de se preocupar em *pescar as almas no mar do mundão*, está querendo encher sua igreja a qualquer custo, mesmo que seja apelando para a pregação a pessoas que aparentemente seriam mais fáceis de *converter*. Cabe pontuar que em alguns momentos os próprios jovens assumem que fazem isso, o que vira motivo de piada. É comum um jovem brincar com seu amigo de outra igreja: “Você tem que sair da Babilônia<sup>7</sup> e vir pra PIB”. Aí o outro responde: “Ih, larga de ser pescador de aquário!”.

Para não serem acusados de *pescadores de aquário*, líderes do movimento “propósitos” fazem questão de destacar que as estratégias são voltadas para atrair não evangélicos. Pelo menos esse é o projeto. Na realidade, os cultos especiais também atraem crentes de outras igrejas. E é nessas condições que grande parte dos jovens com quem convivi chegou à PIB. Vieram de outras igrejas evangélicas, sobretudo pentecostais; foram atraídos por algumas atividades da PIB, entre elas, as que fomentavam práticas de lazer; e, em um dado momento, optaram por se tornar membros desta igreja.

Mas o caráter atrativo por si só não explica porque jovens evangélicos estariam migrando de suas igrejas para a PIB. Existem jovens que usufruem de algumas atividades da igreja sem se tornarem membros. São de visitantes e frequentadores atraídos pela instituição, mas não o suficiente para saírem das igrejas a que pertencem. Sendo assim, torna-se necessário aprofundar alguns aspectos dos casos de jovens que migraram de suas igrejas para a PIB, refletindo a partir daqueles que tive contato. Como será possível perceber, essa questão de fé também passa por uma questão urbana.

Durante a pesquisa convivi com vários membros da PIB que são *ex-pentecostais*. Eles vieram da Maranata, da Quadrangular, das Assembleias de Deus e de igrejas *tipo a Assembleia*, como dizem. Há situações que despertam até

mesmo certa nostalgia entre eles. Alguns jovens, ligados ao departamento de música da PIB, volta e meia cantam alguma canção de cantoras assembleianas, como Elaine de Jesus, Lauriete ou Cassiane. “Dá uma saudade da minha igreja...”, é o que um jovem me disse. São momentos que, para eles, transbordam as emoções.

Mas por qual motivo esses jovens decidiram mudar de igreja? Para responder precisamos entender de onde eles vieram. Nasceram em *berço evangélico*, ou seja, seus pais se converteram a uma igreja evangélica, no caso, pentecostal. Mafra (2009), quando discute os motivos da conversão ao pentecostalismo, pontua aspectos religiosos e conjunturais. Ela constata uma concentração dos pentecostais nas periferias. Trata-se de pessoas que, advindas de um êxodo rural, concentram-se nas regiões mais distantes do centro das metrópoles. A autora pontua que, em meio a diferentes mudanças suscitadas nessa conjuntura, o catolicismo se desgastou, deixando um espaço aberto para a conversão, a qual ressignifica a vida em um novo ambiente.

A crença na contemporaneidade dos dons do Espírito surgira na periferia como nova possibilidade de mediação entre o humano e o transcendente, onde o catolicismo perdeu sua força simbólica. Mafra (2009) aponta três maneiras pelas quais o pentecostalismo propõe uma nova mediação: a fala, a unção e o êxtase. Mas o mais importante a captar de sua discussão é que o pentecostalismo apresentou-se como uma alternativa de vida. Quando representações e práticas tradicionais, incluindo as católicas, deixam de fazer sentido, “o pentecostalismo passa a se colocar como uma alternativa cultural admissível, mesmo que isso implique em um esforço monumental de reinvenção dos vínculos inter e intra-classe” (Mafra, 2009, p. 87).

Importante pontuar que a análise de Mafra é feita a partir do Rio de Janeiro, mas, como expliquei antes, Juiz de Fora é muito influenciada por processos que acontecem no Estado fluminense. Posso assumir que os pais (em alguns casos os avós) de uma parcela considerável de jovens com quem convivi trilham esse mesmo caminho. Converteram-se ao pentecostalismo num momento em que o catolicismo já não lhes parecia eficaz. Consequentemente, jovens que pesquisei passaram a infância em ambiente pentecostal. Até aqueles que dizem ter se *desviado* na adolescência, reconhecem já ter conhecido o *caminho em que se deve andar* nas igrejas pentecostais.

Assim, diferentes jovens que pesquisei são filhos batistas de pais pentecostais e avós católicos (em alguns casos, netos batistas de pais e avós pentecostais e bisavós católicos). Esse movimento talvez seja compartilhado com diversos outros evangélicos em Juiz de Fora. Uma pesquisa quantitativa constatou que o trânsito religioso é maior na cidade (26%) do que a média de Minas Gerais (15,2%)<sup>8</sup> e que, enquanto a influência dos pais na opção religiosa é assumida por 61,1% dos jovens mineiros, em JF o percentual cai para 50,8% (Tavares; Camurça; Procópio, 2009).

Parece que um número significativo de jovens não tem frequentado as mesmas igrejas que seus pais. Além disso, vários daqueles com quem convivi compartilham outra característica: não moram mais com seus genitores. Isso porque se casaram recentemente ou estão dividindo com amigos, irmãos ou primos, quartos ou pensões localizados na região central da cidade, para fins de trabalho e/ou estudo. Como dito anteriormente, Juiz de Fora concentra uma gama de opções de Instituições de Ensino Superior, o que atrai jovens da região. Na conjuntura brasileira recente ocorreu certa ampliação e diversificação das vagas no ensino superior (bem como as formas de financiamento), além de progressiva ampliação do salário mínimo e relativa emergência das classes mais baixas<sup>9</sup>. Em meio a isso, jovens foram atraídos pelas novas possibilidades de emprego e formação disponíveis na cidade. Muitos pais se esforçam para patrocinar a vinda de seus filhos para a região central com o sonho de que eles se tornem *alguém na vida*. Essa é a realidade de parte dos jovens com quem eu convivi mais diretamente. Vieram para a cidade para trabalhar e estudar.

Nota-se que há um novo movimento migratório, da periferia em direção ao centro. Existem até casos em que pessoas saíram direto do campo para a região central. Como o objetivo é facilitar o desenvolvimento profissional e a melhoria na formação, a questão da mobilidade é fundamental. Jovens que se mantêm na periferia ou nas pequenas cidades em volta de Juiz de Fora todos os dias têm um desgaste muito grande para realizar o movimento casa-trabalho-faculdade/curso-casa. Além do valor do transporte, é preciso levar em consideração o próprio tempo do deslocamento. Sendo assim, algumas pessoas optaram por morar na região central ou em algum bairro mais próximo a ela. Tal opção é condicionada por uma série de aspectos, tais como o apoio dos pais (inclusive financeiro) e a aprovação num vestibular.

Quando tal migração se concretiza, a religião não fica imune. Jovens que cresceram em ambiente pentecostal estão agora em outra atmosfera. Um lugar mais urbanizado, caracterizado por uma oferta mais plural de espaços de vivência religiosa e de lazer que os leva a ampliar os horizontes sobre a fé e sobre as possibilidades de diversão. É despertada uma curiosidade a respeito de alternativas que obrigatoriamente terão que experimentar, visto que as denominações evangélicas que predominam na periferia e cidades vizinhas a Juiz de Fora não necessariamente estão na região central. O que os jovens pensam? “Já que eu vou ter que mudar de igreja, por que não conhecer outra denominação?”. As igrejas que se fazem mais vistas, ainda que com o objetivo de atrair não evangélicos, são as primeiras da fila nessa nova rede de possibilidades.

A rede de alternativas evangélicas disponíveis, sobretudo no espaço urbano, é inegável. Ela é percebida por jovens, não apenas pentecostais, não apenas evangélicos.

[...] os jovens de hoje puderam observar (e naturalizar) histórias de conversões e desconversões, de trânsitos religiosos e combinações no interior de suas famílias multirreligiosas e ao redor de seus locais de moradia. Também não lhes causam estranhamento os programas de rádio e televisão, as muitas ofertas da indústria fonográfica gospel e a diferenciadas redes virtuais por onde circulam evangélicos com diferentes ofertas de bens religiosos, simbólicos e materiais. (Novaes, 2013, p. 183)

Jovens evangélicos que estão antenados com todas as novidades dessa rede são os primeiros a ficarem insatisfeitos com traços aparentemente obsoletos de suas igrejas. Tal insatisfação pode levá-los a buscar uma igreja que lhes pareça mais moderna.

Acrescenta-se a essa descrição os traços específicos da condição juvenil que podem ser decisivos na permanência ou não em uma igreja. Um deles é a insegurança a respeito do futuro, “o medo de sobrar” (Novaes, 2011, p. 158). Tomo como exemplo a incerteza em relação à vida amorosa, manifestada especialmente entre solteiros. Quando atingem certa idade, os jovens tendem a procurar um par. Diferente de seus pais (ou avós) que se converteram casados, muitos evangélicos mais jovens tiveram que escolher seus pares já na condição de crentes. Um evangélico geralmente busca se relacionar com alguém da mesma crença, de preferência da mesma igreja. Relacionar-se com um não evangélico é considerado *jugo desigual*, ou seja, é entrar em uma relação que não está em

sintonia com a vontade de Deus. Não que Deus proíba, dizem eles, mas não é o ideal.

Durante a pesquisa escutei várias pregações sobre isso. Os pastores citavam várias situações em que um relacionamento com um não evangélico poderia afastar o crente da igreja. Após observar o estilo de vida de jovens evangélicos com mais atenção, constatando que ficam envolvidos com uma gama de atividades da igreja e que o lazer está todo permeado pela opção religiosa, devo admitir que alguém como eu, casado com uma pessoa adepta de outra vertente religiosa (no caso, católica), encontraria muitas dificuldades para acompanhá-lo. O cônjuge não evangélico teria que ser muito compreensivo com esse envolvimento, ou então o evangélico teria que optar por não se envolver tanto, o que não é bem quisto entre seus pares. A solução seria afastar-se da igreja, tornando-se no máximo um visitante esporádico, ou se esforçar para converter seu companheiro.

Um solteiro dentro de uma igreja com poucos membros tem, conseqüentemente, poucas opções. Caso não sinta afinidade por ninguém disponível, o medo de *ficar pra titio* o levará a buscar seu par em outra igreja. E caso termine o namoro com alguém da sua igreja, além de ter o número de alternativas reduzido, o drama da separação pode gerar vários conflitos que culminam na troca de instituição. Em meio à pesquisa conheci uma moça que estava voltando a frequentar a PIB após uma temporada em outra denominação. Ela disse que havia se afastado porque terminou um namoro com um rapaz da PIB, mas ele não *saiu do seu pé*, sentando do seu lado nos cultos, cercando-a na entrada da igreja e no ponto de ônibus. Ela só voltou para a igreja porque descobriu através de suas amigas que o rapaz já não estava indo mais aos cultos. Se isso pode acontecer nessa igreja cujo principal salão de reuniões possui capacidade para quatro mil pessoas, imagine como é constrangedor quando algo semelhante ocorre em uma igreja pequena da periferia. Constrangimentos desse tipo podem gerar nos jovens a necessidade de mudar de igreja.

Outro traço tipicamente juvenil que pode influenciar o processo é a busca por liberdade e independência. Nas igrejas de matriz protestante no Brasil, como pontuado por Velasques Filho (1990), tem-se a expectativa de que o comportamento individual comprove a condição de salvo. O comportamento dos sujeitos é controlado de maneira coletiva. O que pode ou não ser feito não é tão

condicionado pela autoridade eclesiástica, mas principalmente pelo que esse historiador chama de “coerção comunitária” (Velasques Filho, 1990, p. 221). Se por um lado os pastores são responsáveis pelo controle, por outro são os mais controlados, ficando em uma situação complexa em que a esposa e os filhos precisam ser o exemplo (Velasques Filho, 1990, p. 228).

Esse “controle informal da comunidade sobre seus membros” (Velasques Filho, 1990, p. 228) é enfraquecido em uma igreja maior. Por isso alguns jovens evangélicos veem nela um ideal de liberdade. É um lugar onde ninguém ficaria *tomando conta da sua vida*. Foge-se de uma coerção que é vista como excessiva. Também por esse motivo ela é vista como *permissiva* por alguns evangélicos de igrejas menores. Acreditam que, sem maior contato, nem com o pastor, um fiel *se perderia*. Repare que nesta perspectiva há uma oposição entre quantidade e qualidade, o que, para Warren (2008) é um dos “mitos sobre crescimento de igreja”.

Para além da questão teológica a respeito de qual o melhor modelo de igreja, há um problema sociológico embutido no tema que diz respeito à secularização que se manifesta nessa individualização da forma de crer (Hervieu-Léger, 2008). Como foi apontado por Novaes (2011, p. 140), a equação entre urbanização e secularização ainda carece de abordagem mais qualificada. Esse não é o melhor momento para aprofundar essa questão. Contudo, considero que o enfraquecimento da coerção comunitária é um dos pontos que precisaria ser levado em consideração no desenvolvimento do tema.

Numa igreja de maior porte a forma como seus membros se relacionam é significativamente alterada. Levando em consideração que tudo o que acontece em volta gera estímulos psicológicos, para Simmel, em ambiente urbano os indivíduos precisam desenvolver traços psicológicos específicos para suportar o excesso de estímulo. Eles desenvolvem a “atitude *blasé*”, um fenômeno típico da metrópole (Simmel, 1973, p. 15). É o que evangélicos desenvolvem em grandes templos. Se alguém entrar no culto de jovens da PIB realizado aos sábados e resolver desejar *a paz do Senhor* a todos os que lá se encontram (média de 500 participantes), gastando 3 segundos com cada um, passará 25 minutos cumprimentando os irmãos. Isso inviabilizaria o próprio culto. A solução é saudar apenas alguns *chegados*, desenvolvendo a atitude *blasé* para com os

demaís. Se o cumprimento é assim, muito mais a convivência e, conseqüentemente, a sociabilidade.

Então, em um grande templo central não é possível desenvolver laços com todos membros da igreja, o que para alguns crentes é uma perda e, para outros, um ideal. Durante a pesquisa conheci jovens que lamentavam dizendo que sua fé havia *esfriado* quando passaram para uma igreja maior, uma vez que não tinham que dar satisfação de sua *vida espiritual pra ninguém*. Mas também conheci outros que falavam da igreja maior como uma grande conquista. Em certa ocasião uma moça me disse: “O problema de igreja pequena é que todo mundo sabe de tudo o que você faz. Aí ficam te julgando por qualquer coisa”. Repare que o problema não é alguém saber o que se faz, mas “todo mundo” saber. Para ela, ter *vínculo* com pessoas que, não entendendo sua condição, podem, por qualquer motivo, *julgá-la* ou *excluí-la* é o que a incomoda profundamente. Não há problema algum em ter *vínculo* com pessoas que a compreendem.

É impossível alguém fazer amizade com todos que frequentam a PIB, mas os jovens com quem convivi têm os seus *chegados*. São aqueles com quem se desenvolve *vínculos* tão profundos quanto os característicos de uma igreja pequena. Talvez ainda mais profundos. Se na igreja pequena pessoas de diferentes idades e condições sociais compartilham uma afinidade pautada na opção religiosa, nas igrejas maiores surge o que na PIB é chamado de *panelinhas*. São pequenos agrupamentos de pessoas que compartilham não apenas uma identidade religiosa, mas também a função exercida na igreja, a faixa etária, a classe social, o estado civil, entre outras características. Às vezes até a profissão. São pequeninos grupos de sujeitos com marcadores sociais muito semelhantes.

O jovem, membro de uma igreja pequena, ao violar uma regra, pode facilmente ser descoberto e *julgado* por uma comunidade cuja hierarquia privilegia os mais velhos, tidos como guardiões de uma tradição. Quando descobrem que alguém está tendo uma conduta que não está de acordo com o ideal que possuem de evangelho, ficam *escandalizados*. A situação pode se agravar se for um filho ou filha do pastor. A moça que citei anteriormente explica que quando algum membro de sua antiga igreja via um dos jovens escutando música *do mundo*, se *escandalizava* e logo ia *dedar* para o pastor, exigindo a aplicação de uma disciplina.

Isso dificilmente acontece em igrejas maiores. Primeiro porque o tamanho impede a proximidade, fazendo com que um membro não tenha livre acesso ao que todos os outros fazem ou deixam de fazer. Mesmo nas redes sociais eletrônicas os jovens não possuem contato com todos os outros membros da igreja. Segundo porque aqueles mais próximos que têm acesso aos segredos estão em condições semelhantes, enfrentando os mesmos desafios, o que gera maior compreensão. Em um evento na pesquisa participei de uma conversa entre os jovens sobre música. Uma moça disse como quem confessa um pecado: “Em casa eu ainda escuto muito o Guns [N’ Roses]. Eu peço muito perdão a Deus, mas eu gosto”. A isso um rapaz respondeu: “O Guns é difícil de parar de escutar mesmo”.

Assim são as *panelinhas*. Pequenos agrupamentos de pessoas que compartilham certos traços pessoais em uma igreja. A partir delas surge o que denomino de “pedaço dos crentes”. É uma noção que incorporei à pesquisa apropriando da noção de “pedaço” de Magnani (2002). Esse não é o melhor espaço para discuti-la, mas cabe destacar que ela foi criada para clarear o real contraste entre as condições de sociabilidade de igrejas pequenas da periferia e os grandes templos do centro. Muitas vezes ele é percebido de maneira exagerada. É óbvio que há diferenças, mas não é porque uma igreja cresceu que a coerção comunitária lhe é estranha. Isso inclusive costumeiramente frustra alguns jovens. Eles migram das igrejas pequenas para as maiores em busca de um ideal de liberdade, mas logo se veem envolvidos com algum pequeno grupo da igreja, passam a integrar algum pedaço e estão, novamente, em comunidade.

O principal ponto a ser absorvido dessa exposição é que dramas específicos da condição juvenil podem se aliar às questões urbanas e, assim, estimular ainda mais a mobilidade aqui destacada. Esses diferentes condicionamentos levam muitos jovens à PIB. E quando a conhecem, qual a percepção? “Aqui tem mais criança do que tinha de gente na igreja que eu era!”, disse-me uma moça a respeito do momento de oração pelas crianças, geralmente realizado nos cultos de domingo. Eles ficam admirados com a estrutura da igreja. O tamanho do espaço cútico, o conforto e, principalmente, a grande quantidade de pessoas. Tudo impressiona. E a questão musical, sobre a qual os batistas geralmente têm uma atenção especial, ganha destaque. Equipamentos e instrumentos de padrão razoável, aliados à execução por profissionais, proporcionam música de qualidade. “Aqui não tem aquela chiadeira da igreja

onde eu era”. A qualidade musical transforma-se no aspecto mais impressionante, especialmente para aqueles que já trabalharam com música em igrejas menores e tiveram que *se virar* com o que lhes era disponibilizado, tendo muitas vezes que *retirar do próprio bolso* o investimento no louvor da igreja.

Tendo saído de suas igrejas por diferentes motivos, jovens evangélicos ficam admirados com uma grande estrutura que, paradoxalmente, foi preparada para atrair *não crentes*. É verdade que jovens “se converteram” na PIB, vindos de outras religiões ou de religião nenhuma. Pessoas nesta condição passaram por outras situações específicas que não puderam ser descritas na brevidade deste texto. Os *ex-pentecostais* que hoje estão filiados a essa igreja recebem destaque por tornarem visível um fluxo religioso entre a periferia e o centro que está atravessado por uma série de questões conjunturais. Como foi possível perceber, tais questões não podem ser negligenciadas na reflexão sobre religião e cidade. Todavia esse não foi o único fluxo que consegui acessar através da pesquisa. A seguir, descrevo uma segunda possibilidade de troca religiosa entre a periferia e o centro.

### **3. Da periferia ao centro em busca de alternativas de lazer**

Como venho explicando, durante a pesquisa acompanhei jovens em meio a suas práticas de lazer. Porém, jovens com quem convivi não se reuniam apenas nas atividades promovidas pela PIB. Eles também se encontravam em eventos que não tinham conexão imediata com a igreja, tais como a Marcha pra Jesus, shows gospel ou alguma festa em outra igreja. Eram ocasiões que possibilitavam o lazer de forma mais desconectada da igreja de referência, mas não deixavam de estar ligados de alguma forma com uma religiosidade evangélica, entendida em sentido alargado. Sintetizo tais ocasiões de observação com a noção de *circuito de eventos evangélicos*.

Incorporei a noção de *circuito* da antropologia urbana brasileira. Faz parte de um conjunto de categorias criadas para viabilizar a análise da interação social no (e com o) espaço urbano, tais como pedaço, trajeto, mancha e pórtico (Magnani, 2002). O circuito

[...] designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de

forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade [...] (Magnani, 2002, p. 24).

É um conjunto de espaços situados em diferentes pontos da cidade que estão conectados por um uso comum que carrega certo padrão de sociabilidade.

Geralmente a noção de circuito é aplicada a espaços fixos conectados por determinadas interações sociais (Magnani, 2002). São redes de bares, casas de shows, lanchonetes e restaurantes, entre outros espaços que possibilitam o encontro entre pessoas que compartilham determinados códigos linguísticos e comportamentais. Contudo, em certas ocasiões, as relações sociais podem conferir aos espaços significados diferentes daqueles que cotidianamente são atribuídos. É o que acontece nos eventos.

Por evento entendo um “acontecimento excepcional, de tempo determinado, gerador de grande envolvimento e mobilização de um grupo ou comunidade” (Gomes, 2003, p. 228). São ocasiões em que os espaços ganham novos sentidos durante determinado período de tempo. Pensar em um circuito de eventos é pensar em um conjunto de espaços que, em determinadas ocasiões, se abre a relações que nem sempre acontecem nesses lugares. Embora cada evento aconteça em um momento específico, tais ocasiões estão conectadas por determinados padrões de comportamento que as atravessam. Durante a pesquisa acompanhei jovens em movimento por um circuito de eventos evangélicos reconhecível em Juiz de Fora (MG). Um circuito atravessado por práticas de lazer.

A expressão “evento evangélico” já é utilizada por Frossard (2013). Mas o que é um evento evangélico? É quando o acontecimento excepcional supracitado envolve adeptos, curiosos e simpatizantes da fé evangélica. E como tais ocasiões se tornam lazer? Quando promovem práticas abertamente reconhecidas como lazer, como os esportes? Com certeza! Se atividades desse tipo podem ser pensadas como estratégias de captação de fiéis para as igrejas, como apontou Meinerz (2004, p. 128), não se pode negar que estes espaços também se traduzem em lazer para os fiéis, já convertidos, que neles se encontram.

Mas o lazer não se resume aos esportes. A presença de uma busca pessoal por prazer em uma prática cultural torna-a, em alguma medida, lazer. É aí que está o detalhe: todo evento evangélico movimenta uma prática social que é

irremediavelmente lúdica: a sociabilidade. Chamada por Simmel (2006, p. 65) de “forma lúdica de sociação” e pelos crentes de *comunhão entre os irmãos*, a sociabilidade<sup>10</sup> faz com que todo evento evangélico seja potencialmente uma forma de lazer. Os crentes se divertem, e muito, quando se encontram. Os eventos são oportunidades para que isso aconteça<sup>11</sup>.

A noção que estou empregando implica em uma compreensão larga do objeto. Não apenas igrejas ditas neopentecostais, comumente vistas como menos ascéticas, seriam provedoras de eventos. Até as igrejas mais tradicionais promovem-nos, especialmente em ocasiões como aniversário de sua inauguração ou do pastor presidente. Qualquer igreja de matriz protestante que promova um culto especial ou reunião diferenciada, alterando a rotina institucional e gerando maior envolvimento de pessoas, estaria promovendo isso que chamo de evento evangélico. E não somente igrejas fomentam atividades desse tipo, mas também agências paraeclesiais e entidades que não possuem caráter religioso, tais como empresas que abrigam shows gospel.

Não sendo este o melhor espaço para descrever as diferentes agências envolvidas no circuito de eventos evangélicos, pontuarei apenas algumas formas a partir das quais a PIB está inserida nessa ampla rede de relações a fim de facilitar o entendimento do fluxo que quero destacar. Essa igreja está envolvida em pelo menos cinco questões em torno do circuito. Ela é promotora de eventos, possui um espaço que disponibiliza para promoções de outras agências, possui atrações que podem chamar a atenção do público, constitui um ponto de divulgação de atividades especiais e, ainda, os jovens que se identificam de alguma forma com a PIB constituem o público alvo desse tipo de programação.

A PIB é uma igreja evangélica que, como qualquer outra, promove eventos. O que lhe é específico é que, ao entrar no movimento “propósitos”, passou a ter atividades especiais a todo o tempo. É difícil haver uma semana que não tenha um encontro diferenciado. Tais atividades são promovidas com intuítos diversos. Warren (2008), uma grande referência do pastor Aloizio, iniciou a sua igreja com um evento. Após vários estudos bíblicos realizados em sua casa com a frequência de aproximadamente 20 pessoas, Warren marcou um culto público com uma programação diferenciada. Paes (2012) aponta que os eventos possuem uma função estratégica no modelo da igreja com propósitos e o próprio pastor Aloizio, ao apresentar um *Manual funcional da Igreja* explica que alguns

*ministérios* (departamentos) da igreja devem periodicamente realizar eventos e que deve haver uma *Comissão de Programas Especiais* voltada para essa atuação (Bertho, 2005, p. 120).

Para o estudo do lazer dos jovens evangélicos, mais interessante do que a intenção por trás dos eventos é a estrutura que, por conta dessa promoção, fica disponível a eles. Tal estrutura possui diferentes raios de alcance, que podem ser diferenciados pela forma como são divulgados. Há eventos que são voltados apenas para uma parcela da instituição, como é o caso da maioria das atividades promovidas pela PIB. No início da pesquisa tive dificuldade de acessar algumas atividades exatamente por serem mais voltadas para os membros da igreja. Isso advém do fato de que elas eram divulgadas apenas entre jovens que mais imediatamente estavam ligados à instituição, os quais poderiam convidar seus amigos de outras igrejas ou não. Alguns desses eventos nem eram anunciados na mídia da igreja, ficando restrito à comunicação entre os próprios jovens. Eles tinham um alcance grupal.

Outras atividades promovidas pela PIB possuem uma abrangência menos restrita, envolvendo vários *ministérios* (departamentos e grupos) da igreja. Há eventos que estão muito ligados aos jovens, mas estão abertos a todos os grupos. Este é o caso da *Festa de Gala* que tem acontecido nas ocasiões de aniversário da igreja. É uma celebração que geralmente dura das 22 horas de uma sexta-feira às 4 horas de um sábado. Embora vários membros participem e todos estejam convidados, é notório o maior envolvimento dos jovens. E há eventos em que cada parcela da igreja dá a sua contribuição. É o caso da *Festa das Nações*, em que cada departamento se responsabiliza por uma barraca com uma comida típica de algum país. Tem-se aí um alcance institucional.

Outros eventos da PIB possuem uma abrangência maior. A todo o momento há um incentivo para que o membro da igreja traga seus amigos nas reuniões. Porém, algumas ocasiões são especialmente preparadas para isso. Esse é o caso do *Culto do Amigo* ou *Encontro com os amigos*. É um culto especial, repleto de atrações da própria igreja, tais como a orquestra e o coral. Para esse evento os membros da igreja são incentivados a trazerem seus amigos, especialmente não cristãos, ao culto. Na prática, muitos crentes de outras igrejas acabam participando da cerimônia, pois, além da possibilidade de encontrar com

seus amigos da PIB, as apresentações lhes são muito atrativas. Nesses casos tem-se um alcance local que já não está restrito à instituição.

Mas a igreja também promove eventos de âmbito ainda maior que são anunciados na mídia evangélica da cidade. Eles podem ser de entrada franca ou paga. Um evento de grande porte com entrada franca é interessante, pois dá origem a outros menores. Para conseguir cobrir os custos de trazer uma atração para uma ocasião, previamente vão sendo realizadas várias atividades especiais com cantina. O dinheiro arrecadado com a venda de lanches nesses eventos menores é utilizado para cobrir os custos do de porte maior. Esse foi o caso da *Conferência Profética Avivamento e Colheita* realizada no início de 2014. Para cobrir os custos da presença do conferencista, pastor Hernane Santos<sup>12</sup>, os jovens da igreja organizaram atividades menores, como o *Festival do Pastel Gostoso*.

Eventos de grande porte, com entrada paga, produzidos pela PIB seguem os padrões dos shows ou espetáculos pagos de grande e médio porte. São divulgados com o auxílio de algumas agências articuladoras e há venda de ingressos, sendo os principais pontos de venda as livrarias evangélicas situadas no centro da cidade. A diferença é que a estrutura da igreja auxilia na execução. Primeiramente, não precisam locar nenhum espaço para o show, pois o Espaço Master é suficiente para eventos desse porte em Juiz de Fora, suportando até 5 mil pessoas em pé. O equipamento de som da igreja também é de qualidade razoável, o que pode ajudar no projeto. Quando é utilizado evita mais um custo. Além disso, os próprios membros da igreja ajudam na promoção do evento. Alguns atuam como seguranças, outros montam suas barracas para venda de lanches e bebidas. Ao final tem-se um espetáculo gospel que não perde em nada para os shows musicais em geral. É o que aconteceu nos shows de Fernandinho, Arianne e Talles realizados na PIB durante o período em que estive pesquisando. Poder-se-ia dizer que nesses casos tem-se uma abrangência municipal, mas levando em consideração os evangélicos que saem das cidades menores ao redor de Juiz de Fora para neles comparecer, penso que é de abrangência regional.

Os eventos promovidos pela PIB também podem extrapolar Juiz de Fora. Podem ser promovidas atividades em outras cidades, como acontece nos encontros de solteiros e encontros de casais, nos quais as pessoas viajam para algum sítio ou granja em outra cidade. E pode acontecer de a própria viagem se

tornar um evento. Nesse caso, o melhor exemplo são os promovidos pelo clube de motociclistas *Querubins do Asfalto*, grupo criado com o intuito de reunir membros da PIB que possuem motocicletas. Geralmente consistem em uma viagem a alguma cidade situada a uma distância mediana de Juiz de Fora, de forma que seja possível ir e voltar no mesmo dia. O evento é o próprio deslocamento. Além disso, também é possível extrapolar o âmbito municipal com as caravanas. O próprio pastor Aloizio organizou em 2015 uma caravana para Israel. Alguns jovens com quem convivi sonhavam com a possibilidade de conhecer a *Terra Santa*<sup>13</sup>.

A segunda forma com que a PIB se insere no circuito de eventos evangélicos é disponibilizando um espaço viável para encontros de maior porte. Isso acontece especialmente com o Espaço Master. Situado na região central da cidade, esse amplo salão é estratégico na realização de acontecimentos sociais de grande porte. A PIB pode simplesmente emprestar o espaço. É o caso do evento *No Estilo*, promovido pela Escola Ministerial de Música Êxodos com entrada franca<sup>14</sup>. Também pode acontecer de o espaço ser locado. A igreja possui uma despesa muito elevada e alugar o galpão para a realização de um evento pode contribuir para a arrecadação de recursos. Um caso interessante foi o *Celebra JF*, que contou com a presença da cantora Eyshila e houve a venda de ingressos. Foi promovido por um empresário que alugou o Espaço Master. Pelo que pude ver o espaço da igreja não seria disponibilizado para eventos não evangélicos.

A terceira modalidade de inserção da PIB no circuito se dá por conta de suas atrações. Uma delas é o próprio pastor Aloizio Penido, líder da igreja. Seu carisma o torna popular na cidade. Um fato que atesta sua popularidade é que, quando foi candidato a deputado estadual nas eleições de 2010, recebeu mais de 15 mil votos segundo o site do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG)<sup>15</sup>. Suas pregações sobre temas cotidianos são muito atrativas para quem frequenta a igreja. Uma das jovens com quem convivi durante a pesquisa conta que foi escutando pregações do pastor Aloizio nas rádios que se interessou por conhecer a PIB. Sendo assim, a presença desse pastor pode acabar chamando a atenção para um evento. Caso interessante é o *Jogo Aberto*, cuja maior atração é justamente a pregação do pastor titular da igreja.

Os outros pastores também podem ser considerados atrações em determinadas ocasiões. Cabe pontuar que geralmente eles não são atrações nos

eventos da PIB, mas naqueles promovidos por outras instituições. Como exemplo cito que o pastor Peterson, um dos líderes dos jovens, foi uma das principais atrações nas festividades de aniversário da Igreja Ministério Colheita, no bairro Grama (região nordeste, periferia de Juiz de Fora), em 2014. Na ocasião também esteve presente o *Ministério de Louvor Celebre ao Rei*, que é outra grande atração ligada à PIB.

Por sinal, as atrações musicais são as que mais chamam a atenção de evangélicos nos eventos, especialmente entre os mais jovens. Nesse sentido, a PIB possui vários grupos musicais que, embora tenham o foco de trabalho mais voltado para a igreja, ocasionalmente fazem apresentações em outros espaços. Esse é o caso da orquestra, do coral, do coral jovem e da *Fixados Band*, a banda ligada ao grupo de jovens *Fixados em Cristo*. O diferencial do *Ministério Celebre ao Rei* está em ser uma banda voltada mais para o trabalho fora da igreja. Vejamos como o grupo musical se apresenta:

Jovens, amantes da música e desejosos de fazer um excelente trabalho. Assim se resume o Celebre ao Rei, grupo que tem resgatado o estilo congregacional, trazendo a inovação do pop. Hoje, com 5 anos de estrada, o Celebre ao Rei possui em sua discografia 03 CD's e 01 DVD [...].

Mesmo com tão pouco tempo de estrada, o Ministério Celebre ao Rei tem se revelado como um “celeiro” para a projeção de excelentes profissionais e adoradores. Como exemplo, podemos citar os músicos Marcio Zarzir (baterista) e Alian Sebna (Tecladista) que atualmente integram o Ministério Paixão, Fogo e Glória (David Quinlan).

Em sua formação atual o Ministério Celebre ao Rei é composto por 14 integrantes: Presidente Executivo: Pastor Aloizio Penido Bertho – Banda: Tykallo Reis (Líder da Banda e guitarrista), Daniel Horácio (contrabaixo), Daniel Lima (bateria), Adalbert Barreto (Saxofone e vocal), Jonathan Marinho (Vocal), Eli Soares (Teclado), Josias Campos (Teclado), Fran Martins (Vocal) e Marcela Elbe (Vocal) – Staff: Francisco Sérgio (Motorista), Liz Albino (Produção). (Celebre ao Rei, 2013, s.p.)

O *Ministério Celebre ao Rei* é bem conhecido na cidade, sendo que a canção pela qual é conhecido, de título homônimo, é tocada nas igrejas da região. Fato interessante foi sua presença na 62<sup>a</sup> *Expofeira de Juiz de Fora*. Tem sido uma proposta da feira a prioridade aos artistas da região da Zona da Mata mineira. Participam da feira artistas conhecidos na grande mídia, mas também se fazem presentes, até em maior quantidade, bandas de pop ou de rock e duplas sertanejas de Juiz de Fora e região, como, por exemplo, a banda Onze 20 e a

dupla Leonardo de Freitas e Fabiano. Na data reservada a uma atração gospel, também é dada a oportunidade para artistas da região se apresentarem, ou seja, os ministérios de louvor da cidade<sup>16</sup>. Em 2013, no show da Cassiane, foi dada a oportunidade ao *Ministério Vinho Novo*, com sede na igreja Filadélfia. Já em 2014 foi dada a oportunidade ao *Ministério Celebre ao Rei*, o que demonstra mais um elo entre a PIB e o circuito de eventos evangélicos na cidade.

A quarta forma com que a PIB se insere nesse circuito é como ponto de divulgação. No Espaço Master encontra-se uma loja de artigos evangélicos, semelhante às livrarias evangélicas da região central da cidade, mas com menor variedade de produtos, a *PIB Shop*. Esta loja também se diferencia pelo fato de estar ligada diretamente à igreja, não tendo uma entrada independente e nem funcionando fora dos horários de culto. É através dela que os frequentadores da igreja podem contribuir com dízimos e ofertas utilizando cartões de débito e crédito.

A *PIB Shop* vende produtos relativos à igreja, tais como camisas personalizadas com dizeres sobre a fé, livros do pastor Aloizio ou CDs do *Ministério Celebre ao Rei*. Localiza-se ao fundo do Espaço Master, perto da entrada/saída. Sua vitrine é voltada para um lugar de passagem, mas também de curta permanência das pessoas que vão ao bebedouro. Sendo assim, é o local em que alguns cartazes de eventos podem ser colocados, atingindo parte do público que frequenta as reuniões (não esqueçamos que a PIB não é frequentada apenas por seus membros). Geralmente os cartazes fixados neste espaço se restringem à denominação batista. São atividades que acontecem na PIB ou em outra igreja filiada à Convenção Batista Mineira. Mas também pode aparecer algum cartaz de um evento que a igreja apoie. Um exemplo é o cartaz do *SELA – Seminário de Louvor e Adoração*, promovido anualmente pela Igreja Metodista Central, que foi divulgado nesse espaço no período da pesquisa.

Além disso, há outras duas formas de divulgação. Uma é através do anúncio nos informativos da igreja. Geralmente esses boletins são utilizados para anunciar atividades da própria igreja, mas há uma área reservada para anúncios gerais. Mediante o pagamento de uma taxa à secretaria é possível anunciar produtos e serviços no campo que é reservado para isso. A Livraria Nova Sião utiliza muito esse espaço para divulgação, anunciando uma oferta de 10% de desconto em qualquer compra mediante a apresentação do informativo. Esse

espaço pode ser utilizado para divulgação de outros eventos. E a outra forma de divulgação são os próprios cultos da igreja. O *Celebra JF* foi amplamente citado nas reuniões durante o período de sua divulgação. Embora a PIB não estivesse responsável por sua realização, deu total apoio, divulgando-o a seus frequentadores.

Por fim, como um quinto elemento da inserção da PIB no circuito de eventos evangélicos de Juiz de Fora, seus próprios membros e frequentadores estão em movimento por ele. Essa é a inserção que procurei aprofundar na pesquisa, descrevendo a forma como jovens desfrutam das atividades promovidas. Como são muitas possibilidades, é óbvio que não usufruem de todas. Mas a escolha não é aleatória, e foi possível discernir alguns padrões de comportamento. Não apenas de jovens filados à PIB, como também de evangélicos em geral. Um dos padrões que mais me chamaram a atenção é a constante mobilidade de jovens membros de igrejas da periferia em direção a eventos que aconteciam na região central. Tais pessoas realizavam uma espécie de movimento pendular em que faziam uma breve passagem por igrejas do centro, como a PIB, ainda que se mantivessem filiadas às congregações periféricas.

Cabe lembrar que é muito mais fácil convencer alguém a participar de um evento, que por definição ocorre uma única vez, do que a assumir maior comprometimento com uma igreja. Esta é a lógica utilizada na PIB para atrair não crentes. A reunião especial facilita para os membros da igreja o trabalho de convidar pessoas curiosas e simpatizantes da fé evangélica para terem algum contato com a PIB. O evento é capaz de projetar o culto na esfera do lazer, fazendo com que o visitante não se sinta imediatamente mudando de religião, mas apenas tendo uma experiência diferenciada. Chama a atenção o fato de que essa lógica também afeta pessoas que já são evangélicas. Elas passam a não ver problema algum em ir ao culto em outra igreja.

No processo o próprio tabu dos *pescadores de aquário* é atenuado. Se por um lado o crente considera inconveniente um amigo também crente convidá-lo para mudar de igreja, por outro não é nada incomum receber e aceitar o convite para visitar a igreja de seu amigo na ocasião de um evento. Sobre isso, cabe lembrar que em diferentes espaços de convivência social, evangélicos tendem a manter certa proximidade entre si mais facilmente do que teriam com não

evangélicos. Durante a pesquisa tive a oportunidade de conhecer duas moças que se tornaram amigas durante o curso da faculdade de direito. Sendo uma filiada a uma Igreja Quadrangular da periferia, e a outra à PIB, em determinadas circunstâncias uma visitava a igreja da outra. Pelo que pude perceber, era mais comum que a moça da Quadrangular visitasse a PIB do que o contrário.

Igrejas situadas na região central da cidade, por geralmente serem maiores em número e em ocupação espacial, estão em condições mais favoráveis à mobilização dos recursos necessários para a produção de eventos. Sendo assim, são elas que promovem aqueles que ganham maior destaque nas mídias especializadas da cidade, sendo divulgados através das livrarias e emissoras de rádio voltadas para evangélicos. Sobretudo as reuniões que contam com a presença de pessoas de prestígio social nesse meio, tais como cantores (ministros de louvor) e preletores (pregadores conferencistas) de renome. Um crente juizforano que não tenha nenhuma pretensão de filiar-se à PIB possivelmente combinaria com outros jovens de sua igreja da periferia uma visita a um culto em que o cantor Fernandinho ou o pastor Silas Malafaia estivessem presentes.

Repare que neste momento as provocações feitas no início do texto deixam de ter importância. Não faz sentido perguntar se as práticas são lazer ou religião, pois tal questionamento está na verdade eivado de um julgamento de valor que desmerece tanto a forma como esses jovens evangélicos praticam a sua fé quanto a sua maneira peculiar de se divertir. Na verdade, suas práticas são totalmente lazer e totalmente religião. Lazer porque são genuínas práticas culturais caracterizadas por uma busca pessoal por prazer, um aspecto essencial para distinguir essa dimensão humana (Gutierrez, 2002). Religião porque compõem um estilo de vida pautado pela fé, mas cuja crença é apenas um de seus elementos. Ao final tem-se que as religiões também produzem práticas de lazer. Atividades que, especialmente em contexto urbano, não estão disponíveis apenas aos fiéis, mas também a curiosos e simpatizantes. As crenças possuem implicações práticas que podem gerar tipos de lazer.

Na busca por estudar as práticas culturais dos jovens evangélicos juizforanos que são caracterizadas pela busca pessoal pelo prazer acabei falando menos das práticas de lazer que lhes são interditas por motivos religiosos e mais sobre o que eles realmente fazem no lazer que pude observar. Não há dúvidas de que a religião pode condicionar o lazer. Todavia, não parece estar suficientemente

claro que ela também cria alternativas de lazer. Práticas culturais extremamente prazerosas, mas que só o são para aqueles que creem. É exatamente por compartilhar certos credos e costumes que algumas pessoas se agradam de determinadas atividades e não de outras. E, além disso, tais pessoas criam atividades que não fazem sentido para aqueles que não os compartilham. Aquilo que parece *brega* e *careta* para o *não crente*, torna-se uma forma autêntica de lazer para aqueles que creem. Estes podem inclusive considerar as suas atividades ainda mais genuinamente prazerosas.

Essa espécie de lazer corrobora com a percepção de Almeida (2011), para quem o pentecostalismo no Brasil ainda não passou por nenhuma transformação do porte da que aconteceu com sua terceira onda no final dos anos 1970 e anos 1980, mas tem experimentado uma grande abertura para a circulação de práticas e ideias para além das fronteiras institucionais. O autor utiliza em seu argumento pesquisas que indicaram a religiosidade evangélica como uma espécie de segunda religião de pessoas que se declaram católicas. Quando um culto é tornado evento, englobando um sentido de lazer, também promove circulação para além das instituições. Porém, nesse caso, não apenas práticas e ideias de caráter pentecostal circulam, mas também os próprios pentecostais, desde que restritos a um circuito reconhecido nessa noção alargada de evangélico.

Na pesquisa através da PIB foi possível observar como jovens evangélicos, sobretudo filiados a igrejas pentecostais da periferia de Juiz de Fora, são ávidos pelos eventos que acontecem na região central. Eles têm seus motivos para continuarem filiados às suas igrejas, ainda que não seja possível aprofundá-los neste texto, mas não deixam de ficar em sintonia com o que acontece na região central da cidade. Reuniões com a presença de algum artista gospel ou conferencista razoavelmente conhecido têm o potencial de atrair esses jovens a uma breve passagem pelo centro. Desta maneira eles articulam a vivência da fé evangélica em diferentes possibilidades entre a periferia e o centro e manifestam o caráter tipicamente peregrino da religiosidade contemporânea pontuado por Hervieu-Léger (2008). É outro exemplo de fluxo religioso na cidade que, em minha percepção do campo pesquisado, é ainda mais comum e mais intenso que o caso dos jovens que realmente mudaram de igreja.

### **Considerações finais**

Nesta reflexão não foi possível aprofundar vários aspectos da pesquisa, inclusive algumas questões teóricas em torno da relação entre religião e lazer das quais me abstive para dar mais ênfase aos casos empíricos. Busquei com eles apresentar algumas relações que a periferia pode estabelecer com a região central da cidade tomando como chave a religião e o lazer para pensá-las. No primeiro caso, jovens de origem periférica e pentecostal mudaram para a região central da cidade por questões de trabalho ou estudo e, assim, foram desafiados a encontrar uma alternativa de vivência da fé. Já no segundo, eventos promovidos no centro projetam alguns cultos na esfera do lazer, fazendo com que jovens que são filiados a igrejas pentecostais das periferias sintam-se à vontade para experimentar brevemente outras possibilidades em igrejas do centro.

É interessante como o suscitar de práticas de lazer em meio às atividades de igrejas do centro é um aspecto relevante nos dois fenômenos destacados. No primeiro faz parte de um conjunto de questões que são pensadas quando um jovem decide mudar de igreja. No segundo é um grande motivador do movimento de crentes pela cidade. Assim, o lazer se revela numa dimensão muito importante no estudo de dinâmicas religiosas. Se os eventos são capazes de colocar crentes de diferentes denominações evangélicas em contato, potencialmente também colocam adeptos de diferentes religiões. Esta é a aposta dos pastores quando os promovem: facilitar o contato de pessoas não evangélicas com o *Evangelho*. Mas o fato é que curiosos e simpatizantes da fé evangélica podem manter o interesse pelas reuniões especiais, ainda que nunca cheguem à condição de membro de uma igreja. Podem continuar nas suas religiões (ou em religião alguma) e, de vez em quando, sobretudo em eventos, visitarem alguma igreja de seu agrado. Isso torna muito atual a pergunta de Sanchis (1995) se o campo religioso é ainda hoje o campo das religiões.

Por fim, cabe pontuar que nos dois casos apresentados o trânsito religioso toma uma dimensão mais abrangente, para além do caráter metafórico como geralmente a categoria é pensada. É comum a expressão ser utilizada para designar a mudança de religião. A despeito disso, na relação entre a periferia e o centro, esse movimento ganha concretude na própria mobilidade urbana. Tem razão Magnani (2009, p. 20) quando diz que a cidade “apresenta um ambiente onde as práticas religiosas encontram condições especiais de desenvolvimento e

manifestação"! Na migração da periferia ao centro, alguns jovens buscam uma alternativa de vivência da fé. E, de modo um pouco diferente, mas não menos importante, outros jovens que permanecem filiados às igrejas da periferia realizam de tempos em tempos um movimento pendular em que fazem uma breve passagem pelo exercício da fé na região central. Nos dois casos, crentes estão realmente em movimento pela urbe, ampliando os horizontes sobre o que seja o próprio trânsito dito religioso.

## Referências

ALMEIDA, Ronaldo. A expansão pentecostal; circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENESES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 111-122.

BERTHO, Aloizio Penido. *A igreja em tempo de mudanças*. Juiz de Fora: Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora, s.d.

\_\_\_\_\_. *Como fazer a sua igreja crescer*. Rio de Janeiro: JUERP, 2005.

BRASIL. Lei Federal nº 12590. Altera a Lei no 8.313, de 23 de dezembro de 1991 – Lei Rouanet – para reconhecer a música gospel e os eventos a ela relacionados como manifestação cultural. *Diário oficial da União*. Brasília, 9 jan. 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil: exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 127-160.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 63-87.

COSTA, Waldney. “*Tem crente no pedaço*”: um estudo sobre religião e lazer entre jovens evangélicos. 2015. 267 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 304 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

FROSSARD, Miriane Sigiliano. “*Caminhando por terras bíblicas*”: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas para a terra santa. 2013. 416 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.). *Direito social ao lazer no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

\_\_\_\_\_. ELIZALDE, Rodrigo. *Horizontes latino-americanos do lazer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Sara. *Guia do cerimonial: do trivial ao formal*. 4 ed. Brasília: LGE, 2003.

GUTIERREZ, Gustavo. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUIZ DE FORA. Lei Municipal nº 10987. Dispõe sobre o reconhecimento dos eventos gospel como cultura e dá outras providências. *Diário oficial do Município*. Juiz de Fora, 19 set. 2005.

MAFRA, Clara. Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara. (Orgs.). *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 69-89.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Religião e metrópole. ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara. (Orgs.). *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 19-28.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 13-28, 2002.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEINERZ, Nádia Elisa. Sexo, oração e *rock'and' roll*: uma estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa. *Numen*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 123-144, jan./jul. 2004.

MENDONÇA, Antônio. Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, v. 67, n.1, p. 48-67, set.-nov. 2005.

NASCIMENTO, Rogério. Os pentecostais em Juiz de Fora: da obscuridade ao poder. In: TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003. p. 97-110.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 175-190.

\_\_\_\_\_. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). 2. ed. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 135-160.

PAES, Carlito. *Igreja brasileira com propósitos: a explicação que faltava*. São Paulo: Editora Vida, 2012.

PIBJF. Quem somos. s.d. Disponível em <<http://www.pibjf.com.br/quem-somos.php>>. Acesso em 10 ago. 2013.

RODRIGUES, Elisa. Os batistas no Brasil: mitos de origem, ênfases teológicas e novas tendências. In: DIAS, Zwinglio; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. (Orgs.). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 137-165.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo (org.). *História da igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995): o debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 81-131.

SANTANA, Luther King; BARROS, Andréa. Os batistas em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 87-96.

SERDEIRO, Rosane. A Igreja Universal do Reino de Deus e sua inserção em Juiz de Fora. In: TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003, p. 111-131.

SIMMEL, Georg. *Questões de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

\_\_\_\_\_. A metrópole e a vida mental. VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. In: Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SOUZA, Jessé (Org.). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.

TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo; PROCÓPIO, Carlos Eduardo. Juventude juizforana: elementos comparativos com a juventude do estado. In: PEREZ, Léa; TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. p. 77-88.

TEIXEIRA, Faustino. Análise sócio-fenomenológica do pluralismo religioso no Brasil. *Conic*, 2012. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2012/12/0-0-1-2554-14560-casa-121-34-17080-14.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio. Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990. p. 205-232.

WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Editora Vida, 2008.

<sup>1</sup> O IBGE estimou em 2015 a população juizforana em mais de 555 mil habitantes.

<sup>2</sup> Os três momentos dizem respeito à teoria das ondas de Paul Freston (1993). Nela a evolução do movimento pentecostal é dividida por um recorte histórico-institucional. A primeira onda seria o momento de emergência de igrejas pentecostais no Brasil no início do século XX. São igrejas como as Assembleias de Deus e a Congregação Cristão do Brasil. Já em meados do século viria a segunda onda, com a fundação de igrejas como a Deus é Amor e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Por fim, tem-se a terceira onda no final do século, com o surgimento de igrejas como a Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus. Esta mesma divisão é utilizada por Mariano (1999), que confere às ondas o título de pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo, respectivamente.

<sup>3</sup> Trata-se de um grande movimento que surgiu no pentecostalismo no final da década de 1950, em que vários encontros eram realizados em grandes tendas pelas principais cidades brasileiras. Não apenas a Quadrangular, mas também outras igrejas, como a Deus é Amor, surgiram no Brasil com esse movimento, apregoando principalmente a cura dos enfermos através da oração. Algo semelhante ao que acontece hoje na Igreja Mundial do Poder de Deus.

<sup>4</sup> A categoria *evangélica de missão* utilizada pelo IBGE engloba batistas, metodistas, congregacionais, presbiterianos, adventistas e luteranos. Já a expressão *protestantismo de missão*,

---

de Mendonça (1995, 2005), engloba apenas os primeiros quatro desse grupo. Utilizei a segunda categoria nesta passagem porque os adventistas também cresceram em números absolutos.

<sup>5</sup> Além desta, existe a Convenção de Igrejas Batistas Independentes e a Convenção Batista Nacional.

<sup>6</sup> A partir deste ponto utilizarei a grafia em *itálico* para indicar algumas palavras e expressões de uso comum entre evangélicos. São parte daquilo que ouvi durante a pesquisa de campo.

<sup>7</sup> *Babilônia* é um termo utilizado no meio evangélico geralmente em referência ao *mundo*, mas no contexto em que pesquisei também se referia a uma igreja que fosse vista como muito permissiva para com coisas que comumente são interditas. Também podia ser substituída pela expressão *porta larga*.

<sup>8</sup> Também se constatou o percentual de 21,7% na região metropolitana de Belo Horizonte e de 15% no interior do Estado (Tavares; Camurça; Procópio, 2009). Ambos menores que o de Juiz de Fora.

<sup>9</sup> Muito se fala sobre uma *nova classe média*, mas a igualdade de condições dessa classe emergente com a classe média dita tradicional tem sido questionada. Sobre isso ver especialmente Souza (2012).

<sup>10</sup> Para Simmel (2006, p. 66) a sociabilidade é a associação que é realizada entre indivíduos sem objetivos formais ou institucionais, tendo em vista a satisfação do simples fato de estarem socializados. Não confundir com “socialidade”, que é outro conceito do autor.

<sup>11</sup> Por conta da brevidade do texto não foi possível introduzir uma discussão teórica sobre as várias formas de lazer, assim como foi impossível discutir como a religião se relaciona com outras esferas da vida social. Em uma das partes da minha dissertação (Costa, 2015) discuto como a relação entre religião e lazer é percebida por diferentes vertentes teóricas. Pretendo publicá-la em formato de artigo em outra oportunidade. Por hora, cabe destacar que na pesquisa foi necessário pensar o lazer de maneira um pouco mais descolada da noção de “tempo livre” em oposição às obrigações, perspectiva geralmente mais adotada no Brasil. Tal abordagem foi significativamente inspirada pela perspectiva de Gomes e Elizalde (2012). Quem se interessar, também pode consultar Gomes e Isayama (2015), obra que reúne autores com diferentes abordagens sobre o lazer.

<sup>12</sup> Pastor da Comunidade Preciosa Graça em Campo Largo-PR, mais conhecido por suas conferências ministradas em diferentes igrejas e eventos.

<sup>13</sup> Para mais informações sobre essa espécie de turismo que surgiu entre evangélicos, ver Frossard (2013).

<sup>14</sup> A escola pertence ao pastor Isaque, um dos líderes da igreja. Esse evento foi uma espécie de show promovido para apresentar novos talentos revelados pela escola e envolveu pessoas de diferentes igrejas.

<sup>15</sup> Dado acessado através de recurso disponível em:

<http://www.tre-mg.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/resultado-das-eleicoes-2010>  
>. Acesso em: 08 jan. 2015.

<sup>16</sup> Interessante pontuar que bem antes da promulgação da lei federal (Brasil, 2012), Juiz de Fora já possuía uma lei com o objetivo de reconhecer os eventos gospel como cultura (Juiz de Fora, 2005). Sendo assim, a presença de ministérios de louvor da região em festividades oficiais não é novidade.

Recebido em 10/04/2016, revisado em 23/05/2016, aceito para publicação em 26/05/2016.